

Leibniz, as princesas e a filosofia

PATRICIA CORADIM SITA

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Brasil

I 341

DOI: 10.36446/rlf492

Resumo: Neste artigo, abordamos uma face da interação de Leibniz com mulheres através das suas correspondências, com foco particular nas trocas epistolares com algumas princesas, destacando o contexto histórico dessas relações. Embora a vasta obra filosófica de Leibniz venha sendo amplamente discutida, há um aspecto menos explorado que é a natureza das suas correspondências e interações com figuras femininas de destaque. Nossa abordagem não se concentrará em uma análise filosófica detalhada de ideias específicas de Leibniz, mas sim em um exame histórico das premissas e do impacto que suas relações com essas princesas podem ter tido tanto na vida dessas mulheres quanto na obra do filósofo.

Palavras-chave: correspondência filosófica, contexto histórico, mulheres na filosofia, filosofia moderna.

Licencia Creative Commons CC BY 4.0 Internacional

REVISTA LATINOAMERICANA de FILOSOFÍA
Vol. 51 Nº2 | Primavera 2025

Leibniz, Princesses and Philosophy

Abstract: This article examines Leibniz's interactions with women through his correspondence, with particular emphasis on the letters exchanged with several princesses, highlights the historical context of these relationships. Although Leibniz's extensive philosophical work has been widely studied, less attention has been given to the nature of his correspondence and interactions with prominent female figures. Our analysis does not aim to provide a detailed philosophical examination of Leibniz's ideas per se, but rather to offer a historical assessment of the premises and the impact that his relationships with the princesses may have had on both the lives of these women and the philosopher's work.

Key-words: philosophical correspondence, historical context, women in philosophy, modern philosophy.

Talvez nunca tenha existido uma rainha tão completa e tão filósofa ao mesmo tempo
Leibniz sobre Sophie Charlotte

342 |

1. Introdução

A relação entre mulheres e filosofia tem se tornado mais natural no discurso acadêmico contemporâneo, mas essa conexão nem sempre foi reconhecida ou documentada pelos historiadores da filosofia. Durante séculos, as mulheres raramente foram vistas como participantes legítimas do campo filosófico, e, quando mencionadas, quase nunca foram reconhecidas como filósofas em pleno direito. Em geral, elas são descritas como interlocutoras ocasionais ou como figuras interessadas em buscar esclarecimentos com os grandes mestres da filosofia.

Este artigo não tem como objetivo explorar as teorias filosóficas desenvolvidas por filósofas na modernidade, mas analisar como as correspondências trocadas entre Leibniz e algumas princesas podem ser entendidas dentro de um contexto filosófico e histórico mais amplo. Ao examinar essas interações, pretendemos entender o papel que essas trocas epistolares desempenharam na vida intelectual dessas mulheres e como influenciaram a obra de Leibniz. Mais do que identificar uma lacuna na história da filosofia, este estudo parte de uma reflexão sobre o papel dos historiadores na perpetuação do silêncio em torno dessas interações e sobre como essas corres-

pondências podem ser reinterpretadas como parte integral do trabalho filosófico de Leibniz. Nesse sentido, buscamos compreender de que maneira as cartas de Leibniz com as princesas podem ser vistas como um componente significativo (ou subestimado) de sua produção intelectual.

Ao considerar a subrepresentação das mulheres na filosofia moderna e o impacto das suas interações com figuras intelectuais de destaque, é essencial contextualizar essas relações dentro das condições culturais e sociais da época. No final do século XVII e início do século XVIII, a correspondência entre Leibniz e várias princesas europeias acontece em um momento de transformação no papel da mulher nas esferas intelectual e social. Embora ainda limitadas pelas convenções de gênero, as mulheres das elites europeias começaram a desempenhar um papel mais ativo na vida intelectual, influenciadas tanto pelo avanço das ideias iluministas quanto pelas mudanças no status social e cultural do conhecimento. Esse período viu emergir um novo tipo de ambição pelo saber, que começou a abrir espaço para a participação feminina em discussões filosóficas e científicas, embora ainda restrita aos círculos privilegiados.

Segundo a historiadora francesa Elisabeth Badinter escreve em sua obra biográfica dedicada à Marquesa de Châtelet, a aspiração pelo conhecimento durante o Iluminismo era privilégio restrito, acessível apenas aos mais abastados (Badinter 1993). Para Badinter, no século XVIII, essa busca pelo saber tornou-se mais viável para as elites privilegiadas do que em épocas anteriores, uma vez que a acumulação de riqueza passou a permitir que os prazeres fossem valorizados, e não desprezados. Antes, o acesso ao conhecimento e a busca por prazeres materiais eram frequentemente limitados por normas sociais e culturais que valorizavam mais a contenção e a moralidade, muitas vezes associando o desejo de prazer a uma forma de excessiva indulgência. Com o avanço das ideias iluministas, essas normas começaram a mudar, permitindo que a busca pelo conhecimento e pelos prazeres da vida fossem mais aceitas e valorizadas dentro das esferas privilegiadas. Esse novo cenário cultural fez com que a busca pelo prazer, como uma realização consciente da vontade esclarecida, emergisse como um dos temas centrais da época. O estímulo para vivenciar os prazeres da vida, tanto morais quanto físicos, passou a ser visto como uma prática associada ao uso consciente da razão e da vontade.

Vamos aprofundar essa análise a partir do estímulo trazido pela seleção de cartas traduzidas e editadas por Javier Echeverría (1989) em um volume que reúne correspondências de Leibniz com as princesas Sophie Charlotte da Prússia (1668-1705), com sua mãe Sophie de Hanôver (1630-1714), e com Caroline de Ansbach (1683-1737), além de uma carta para a princesa Elisabeth da Bohemia (1618-1680) e outra para Milady Masham

(1659-1708). Nessas cartas, Leibniz não apenas aborda conteúdos clássicos da filosofia, como metafísica e ética, mas também se engaja em diálogo profundo sobre a busca pela felicidade, defendendo que esta deve ser alcançada por meio da virtude e do uso da razão. Ao abordar o exercício da vontade esclarecida e a moderação das paixões como essenciais para uma vida feliz, Leibniz e suas interlocutoras exploram conjuntamente esses temas, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento filosófico da época. *Filosofia para princesas* ajuda a revelar, assim, como Leibniz ajustava seus discursos filosóficos para dialogar de maneira eficaz com as realidades e os interesses de suas interlocutoras, adaptando o conteúdo, a abordagem e os exemplos conforme as características de cada uma. Esse ajuste não era exclusivo às suas correspondências com as princesas, mas uma prática comum em suas interações com todos os seus correspondentes¹, enriquecendo tanto a sua própria obra quanto a compreensão filosófica daqueles com quem se correspondia. Nesse sentido, a obra que delimita o ponto de partida para nossa análise não apenas ilumina as interações filosóficas de Leibniz com essas mulheres de destaque, mas também sublinha o papel ativo que elas desempenharam na disseminação e no desenvolvimento da filosofia leibniziana em sua época.

2. O livro

Publicado em 1989 pela Alianza Editorial, o livro *Filosofia para princesas*, organizado por Javier Echeverría, chama a atenção primeiramente pelo seu título – que pode, inicialmente, parecer uma combinação de ironia e excentricidade aos olhos leigos. No entanto, esse título reflete a realidade de uma seleção cuidadosa de cartas de Leibniz trocadas com algumas princesas. A correspondência de filósofos com mulheres nobres não era incomum na modernidade. Descartes, por exemplo, menciona que, com exceção da princesa Elisabeth, com quem ele se correspondeu desde 1643 até 1649, ano da morte do filósofo, ele não havia encontrado ninguém que tivesse compreendido suficientemente bem as suas meditações metafísicas e a sua geometria (cf. Descartes 1989).

¹ Cf. Antognazza (2011). Nesta biografia, Antognazza discute como Leibniz ajustava seus argumentos e o tom de suas cartas conforme o perfil de seus interlocutores, sejam eles filósofos, cientistas, ou membros da aristocracia, incluindo as princesas com as quais ele se correspondia. Ela menciona que Leibniz tinha um talento especial para moldar suas comunicações de modo a torná-las acessíveis e relevantes para cada pessoa, sem comprometer a profundidade de suas ideias.

Antes de *Filosofia para princesas*, outras publicações incluíam as correspondências de Leibniz com mulheres,² mas eventualmente abordavam essas cartas de forma periférica, sem dar ênfase ou importância, especificamente, para essas interações na compreensão da filosofia de Leibniz. Seja na edição da coleção completa das obras e cartas de Leibniz (cf. Leibniz AA), seja em biografias e outros estudos, como *Leibniz: A Biography* (Aiton 1985), as obras mencionavam as cartas com as princesas como parte do *corpus* mais amplo de sua correspondência. Nesse sentido, embora ofereçam acesso às correspondências ou comentários sobre suas repercussões para a obra leibniziana, não se concentram explicitamente no impacto e valor dessas interações no desenvolvimento do pensamento de Leibniz, nem chamam a atenção para a presença feminina. O livro de Echeverría representou, em 1989, e continua a representar, um avanço significativo ao reunir e concentrar-se especificamente nas cartas trocadas entre Leibniz e Sophie Charlotte, Sophie e Caroline, antecipando um movimento que hoje ganha cada vez mais destaque. Embora o título possa causar alguma estranheza devido ao seu suposto duplo sentido, sugerindo que o estudo das correspondências entre o filósofo e as princesas poderia fragilizar o valor do conhecimento ali contido, tratando-o como um tema menor ou uma ‘filosofia de entretenimento’, esse não é o objetivo do autor. Pelo contrário, ao reunir uma seleção significativa dessas correspondências, o livro revela a importância e o tempo que o filósofo dedicou às suas interlocutoras, evidenciando a seriedade com que ele considerava as objeções que elas levantaram em relação a algumas de suas teses, permitindo ver como essas interações foram importantes para o amadurecimento de teses filosóficas tanto quanto o foram em suas outras correspondências.

I 345

Na peculiar apresentação que o editor escreve no início da obra, intitulada de Carta-dedicatória, ele salienta o lugar singular das correspondentes de Leibniz dentro das considerações do próprio autor, afirmando que Leibniz ofereceu às princesas o melhor da sua filosofia não apenas porque a sua vida e obra foram marcadas pela influência dessas mulheres, mas porque, na visão de Leibniz, as princesas ocupam um “lugar social singularizado” (Echeverría 1989: 14). Essa afirmação, vinda do próprio filósofo, contrasta com a conhecida crítica de Russell enunciada na *Exposição crítica da filosofia*

² Embora existam obras anteriores ao *Filosofia para princesas* de Javier Echeverría que contêm as correspondências de Leibniz com princesas, como *Correspondance de Leibniz avec l'électrice Sophie de Brunswick-Lunebourg,...* (1874), editada por Onno Klopp, essas edições não eram tão acessíveis na época. Atualmente, com o avanço das plataformas digitais, é possível acessar algumas dessas obras online, o que facilita a pesquisa e o estudo das correspondências.

de Leibniz (1937), que sugere que Leibniz possuía duas filosofias distintas: uma ‘boa’, usada para suas próprias meditações e para seus amigos, e outra ‘má’, destinada às princesas e à obtenção de ganhos financeiros. De fato, com destaque Echeverría, Leibniz foi um filósofo que escreveu muito para princesas: ensaios e cartas de conteúdo filosófico eram comuns, o que esboçaria *parcialmente* uma justificativa para essa associação feita por Russell entre o filósofo e as princesas. No entanto, a tese de Russell de que Leibniz oferecia às princesas uma má filosofia não encontra justificativa convincente nas evidências disponíveis. Pelo contrário, nas cartas dirigidas às princesas Leibniz apresenta de forma plena e rigorosa sua filosofia. Embora essas cartas possam ter um caráter pedagógico e didático, algumas vezes destinadas a ilustrar e atender à curiosidade de suas interlocutoras nobres, isso não diminui seu valor filosófico, mas enriquecem a compreensão e o impacto de seu pensamento.

Para Echeverría, Leibniz, ao relacionar-se com as princesas destacadas no livro, emprega o mesmo rigor filosófico aplicado em suas correspondências com outros interlocutores. No entanto, levanta-se a questão sobre o significado de qualificar uma filosofia como “filosofia para princesas” e sobre qual é o sentido dessa designação tanto para Leibniz e sua época quanto para nós, hoje. Nesse contexto, o editor da coletânea não se limita a reunir e traduzir algumas das correspondências. Ele reflete sobre o lugar e o papel da princesa e a sua relação com a filosofia, oferecendo ao leitor uma possibilidade de considerar a figura da princesa e da princesa filósofa independentemente, de forma atemporal. Ele propõe a ideia de uma “filosofia para princesas” que transcenda seu contexto histórico, remontando à noção platônica da rainha-filósofa e avançando para o presente, em que o termo se amplia para incluir todas aquelas que podem ler as cartas com a perspectiva de uma princesa. Assim, a coletânea não só recupera a importância das correspondências de Leibniz, mas também convida o leitor a reavaliar o papel das mulheres na filosofia e a considerar o impacto dessas interações na evolução do pensamento filosófico.

As cartas representam a maior aproximação possível da relação entre filósofo e princesa, oferecendo uma visão única importante tanto para a arte do governo quanto para as questões públicas, para além de conterem o sistema leibniziano de maneira muito sintética e pertinente. Elas consistem, fundamentalmente, na interlocução de fato entre o filósofo e as princesas, representando um aspecto almejado e valorizado por Leibniz. Como observa o editor, é claro que, sendo interessado pelas artes, pela música, pelas relações sociais, Leibniz se relacionaria com pessoas (e muitas mulheres) que eram notáveis em suas áreas, mas seu desejo era particularmente focado em estabelecer conexões com princesas que se destacassem como apreciadoras e de-

fensoras do saber³. O vínculo estabelecido ao longo dessas correspondências revela a concepção de Leibniz sobre a figura da filósofa-princesa, ressaltando não apenas a profundidade do diálogo filosófico, mas também a valorização do papel intelectual dessas mulheres em um contexto aristocrático. Essa visão amplia nossa compreensão do pensamento de Leibniz, sublinhando o impacto que essas interações tiveram em sua obra e na construção do conceito de filosofia aplicada às elites da época.

Ao longo da leitura das cartas selecionadas, observamos um filósofo profundamente envolvido tanto no desenvolvimento de suas ideias e da vida política quanto na tarefa de torná-las acessíveis e compreensíveis para seus interlocutores. Leibniz se destaca ali como um pensador iluminista comprometido com a criação de academias de ciências, demonstrando seu empenho na promoção do conhecimento e no avanço intelectual. As cartas revelam, conforme destacado pelo editor, não apenas a elaboração e discussão de teorias filosóficas, mas também a construção de um relacionamento baseado em interesse mútuo e troca de ideias. Esse aspecto relacional é fundamental para entender como Leibniz ajustava suas abordagens filosóficas para se conectar de maneira eficaz com seus correspondentes, ampliando o impacto e a compreensão de seu pensamento.

A importância dessas correspondências não se limita apenas ao seu conteúdo filosófico, mas também ao contexto em que foram escritas. Elas revelam o esforço de Leibniz para adaptar e comunicar suas ideias complexas a um público diversificado, incluindo mulheres nobres, cujas contribuições ao diálogo filosófico e à recepção das ideias leibnizianas foram significativas. Se a filosofia discutida nas cartas não atendeu às expectativas de alguns, isso não deve ser atribuído a uma tentativa de ocultar ou menosprezar as interlocutoras, mas sim às limitações inerentes ao próprio sistema filosófico de Leibniz ou à natureza do diálogo filosófico com interlocutores que tinham um nível de familiaridade variado com suas teorias. O valor das correspondências reside na sua capacidade de iluminar aspectos do pensamento de Leibniz e no papel ativo das princesas na reflexão filosófica de sua época.

Logo no início da carta-dedicatória endereçada aos leitores, Echeverría propõe uma reflexão sobre o conceito de filosofia, questionando o

I 347

³ Ainda que fosse usual a exclusão da presença e da atuação da mulher como protagonista ou participante ativa do movimento intelectual da época. Cf. Vila (2005: 53): “Poucas figuras pareciam incomodar tanto o Iluminismo francês quanto a mulher abertamente intelectual; embora as mulheres eruditas desfrutassem de um papel proeminente tanto na corte quanto nos Salões Parisienses, elas estavam, no entanto, vulneráveis ao mordaz ridículo popularizado anos antes pela sátira de Molière às pretensiosas ‘précieuses’, *Les Femmes savantes*”.

que realmente abrange essa ideia, suas ambições e seus limites. Ao revisitar rapidamente a história, ele estabelece a busca por princípios como um elemento essencial para reconhecer o que é genuinamente filosófico. Os princípios, fundamentais para a filosofia, são vistos como universais e inerentes a todas as línguas e artes: o número para a aritmética, a extensão para a física, a harmonia para a música. A filosofia, por excelência, é caracterizada como o puro desejo de saber. Embora não possua um princípio específico próprio, ela tem como função lidar com esses princípios, associando-os entre si (como a verdade ao bem, a harmonia à medida e à forma). No entanto, a partir da modernidade, ocorre uma transformação significativa no papel, no lugar e no uso desses princípios. As proposições e as leis gerais da natureza passam a ocupar o centro do saber, e a filosofia passa a articular os princípios comuns à ciência. Dessa forma, as leis, vistas como universais e simples, são desejadas e buscadas como a chave para interpretar e conhecer adequadamente a natureza. Esses princípios, agora considerados objetivos, assumem o papel de organizadores do que podemos denominar realidade.

Por outro lado, emergem os princípios individuais, ilustrados pelo vínculo com os nomes próprios: cada ser humano está marcado por nomes associados a si. A identidade privada e a identidade social não são idênticas. A história é marcada por nomes próprios que refletem mudanças profundas na identidade do indivíduo e nas entidades sociais que o reconhecem. É nesse contexto que se justifica o título e a análise que se segue: a *princesa Caroline* não se identifica apenas como *Caroline*, elas não são a mesma. Tampouco é o mesmo *ser Carolina de Anspach* ou *ser a Princesa de Gales*.

Leibniz, reconhecendo a marca desse princípio individual, tem, ele próprio, a sua identidade profundamente marcada pelas princesas com as quais se corresponde, e é isso que autoriza o editor a enunciar Leibniz como sendo um filósofo que faz filosofia para princesas, não de modo superficial e acessório, nem apelativo ou romântico. Mas porque se ocupa em pensar de que modo alguém cuja vida vai estar determinada pelo *fato* de ser princesa pode amar a sabedoria como fim e se utilizar da filosofia como meio para alcançá-la.

Nas correspondências, Leibniz detalha, por exemplo, diversas teses fundamentais do seu sistema da harmonia preestabelecida utilizando linguagem e formas de expressão canônicas. Embora algumas cartas apresentem suas ideias de maneira simplificada, sem exigir um conhecimento prévio extensivo das obras do autor, elas não são menos filosóficas ou profundas. De fato, as cartas frequentemente contêm passagens que ecoam e expandem conceitos encontrados em seus textos anteriores, como o *Discurso de Metafísica* (1686). Além disso, muitos dos conceitos e exemplos discutidos nas cartas antecipam ou refletem ideias que aparecerão mais tarde em obras

como os *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano* (1765), a *Teodiceia* (1710) e também na correspondência com Samuel Clarke (1715–1716).

Há, entretanto, opiniões diversas sobre o papel dessas correspondências e sobre a condição filosófica dessas princesas. Na época da publicação do livro *Leibniz and the two Sophies: the philosophical correspondence*, editado por Strickland em 2011, Irena Backus (2011) escreveu em uma resenha:

[O] tradutor das cartas [Strickland] exprime na introdução que, ao contrário da opinião acadêmica recebida, Sophie de Hanover em particular tinha um talento filosófico maior do que se pensava até agora. [...] [Mas uma] desvantagem que encontramos em seu volume é que na seleção das cartas que ele considera relevantes para tópicos filosóficos, a conexão com a filosofia nem sempre é evidente. Previsivelmente, dadas as preocupações do período e do próprio Leibniz, às vezes é difícil separar os aspectos teológicos, científicos e filosóficos dessa correspondência. [...] os itens neste livro mostram Sophie e sua filha como mulheres com amplos interesses culturais, incluindo comunicação espiritual, profecias, espiritualidade e assim por diante. O que hoje denominamos filosofia, especialmente a filosofia de Leibniz, era apenas um desses interesses e, certamente, não era o mais central.

A resenha ressalta que as cartas tratam de muitos e variados assuntos, e que a variedade sugere superficialidade e não permite ver nada de particularmente relevante ou de filosófico nas correspondências. Destaca ainda o interesse de Sophie por profecias e espiritualidade, o que é tomado como indício da irrelevância filosófica das *duas Sophies* correspondentes de Leibniz. Ou seja, acentua a dificuldade em separar questões científicas, teológicas e filosóficas nas correspondências trocadas no século XVII, uma época em que as questões científicas, filosóficas e teológicas eram, frequentemente, reunidas⁴, e visa mostrar a limitação das investigações filosóficas das mulheres. Pode ser que não tenha restado nada de filosófico dessa correspondência por parte das princesas, mesmo porque muitas das cartas delas não foram recuperadas, e pode ser que não haja conteúdo filosófico por parte das *duas Sophies*, mas o que questionamos é a justificativa para tanto, o fato de haver o registro de diversos interesses, ou de haver uma dificuldade na delimitação das fronteiras daquilo que é legitimamente considerado filosófico. E certamente a reunião e organização das cartas pode constituir um bom objeto de análise para essas questões.

I 349

⁴ Cf. a *Teodiceia* como obra que exemplifica a disposição leibniziana de defender a possibilidade de conciliar fé e razão, uma das frentes de discussão e ataque de muitos filósofos da época que era rechaçada por Leibniz, ainda que fosse admitida amplamente pelos seus pares.

Ainda que nem sempre esses documentos tenham sido considerados importantes como fonte de acesso e esclarecimento conceitual em função do caráter subjetivo das correspondências, o fato é que as cartas são fruto da interação entre os correspondentes e, reunidas, documentam não apenas a filosofia mas as relações pessoais, o que ocasiona possibilidade de conhecer o tratamento das questões filosóficas de um ponto de vista mais particular.

A princesa escreve a partir de uma perspectiva particular, privada, velada. No entanto, o teor das cartas é universal. Nesse sentido, evidencia-se uma dicotomia entre o público e o privado, o particular e o universal, o macro e o microcosmo.

Temos uma princesa que, fechada nos seus aposentos, se dirige para o exterior em busca de conhecimento, transcendendo a si mesma. Pode-se afirmar, então, apenas a partir daí, que a princesa se reveste e assume a condição de filósofa? Esse parece ser o valor adicional que Echeverría traz em seu livro: a filósofa nasce do desejo de fazer filosofia, de colocar-se frente às questões relevantes desde o seu próprio ponto de vista, de refletir a partir de si nas respostas às questões que lhe afetam, não importando, nesse caso, a publicidade, a divulgação e a chance do reconhecimento público. Portanto, ao revisar o entendimento do que é considerado como filosofia ou do que se encaixa no termo “filosófico”, oferece uma perspectiva valiosa. Outra questão, entretanto, se insinua com a leitura das cartas: o poder. A princesa tem poder, e a relação entre o saber e o poder é algo que não pode ser ignorado atualmente, e nem tampouco poderia sê-lo nos tempos de Leibniz.

350 |

3. Os saberes

O termo “princesa” carrega uma grande carga simbólica, e sua relação com a filosofia exige esclarecimento. As princesas desempenham um papel fundamental no fomento da atividade científica e artística, tanto quanto dos príncipes dependem os assuntos militares e econômicos. Nesse sentido, “Leibniz havia descoberto um novo aspecto do poder na *polis*, diferente do militar, do legislativo e do eclesiástico” (Echeverría 1989: 41), e que hoje em dia é igualmente reconhecido como legítimo: o poder da ciência e da cultura. Trata-se de redescobrir porque há alguma associação histórica entre as mulheres e as artes e ciência, semelhante à associação dos homens com as disputas militares. Considere-se o papel das musas e sua capacidade de inspirar a criação nas artes e nas ciências, ou em Péricles lidando com a guerra enquanto Aspásia lida com o mecenato e a filosofia (cf. Davies 1996: 499-515). Os lugares dessas mulheres foram alterados – as musas são inspiradoras ou são agentes? E, para além do que foram e do que

representam, como habitam ou frequentam a história? É o reconhecimento desse papel que mudou ou foi o próprio papel em si?

E ali, nas artes e na filosofia, governavam as princesas, diz Echeverría. Simbolizam esse poder as Sociedades Científicas, entendidas em um contexto mais amplo e universal do que temos nos dias de hoje. Naquela época, o progresso do saber não era dependente, não estava necessariamente vinculado às Universidades, mas às Academias e seus observatórios astronômicos, suas revistas, as bibliotecas, os laboratórios, ao debate. As princesas eram aliadas naturais dos filósofos e do saber.

As relações entre saber e poder, que estavam sendo reorganizadas e mobilizadas desde o Renascimento, passam, de acordo com Leibniz, pelo cultivo do interesse genuinamente filosófico das princesas. Ao lado das iniciativas defendidas por Leibniz, como a criação de Academias e sociedades científicas, existem outras iniciativas legítimas de seguir fazendo filosofia em um sentido clássico, em Universidades ou em seus próprios gabinetes, como exemplificado pela atuação de filósofos como Spinoza.

No entanto, destacamos que a concepção de Bacon (2019) sobre a relação entre conhecimento e poder, isto é, a ideia de que o conhecimento confere uma forma de controle sobre a natureza e, conseqüentemente, sobre a humanidade, é uma influência significativa não apenas para Leibniz, mas também representa, em certo sentido, o ideal da Modernidade como um todo (cf. Rossi 2000). Para Leibniz, essa visão se concretiza por meio das princesas e seu genuíno empenho filosófico, bem como na própria instituição da ciência. Bacon, em suas obras, sugere que o avanço do conhecimento científico é fundamental para o domínio e transformação do mundo natural, e essa perspectiva está refletida na maneira como Leibniz e seus contemporâneos, inclusive as princesas, integram a ciência e a filosofia no contexto do poder e da influência cultural.

Na Modernidade o príncipe ainda tem que se ocupar fundamentalmente da guerra e da política, como tem feito desde Maquiavel ao menos, segundo o autor. No entanto, desde o Renascimento surgiram muitos outros âmbitos de atividades em um reino que poderiam parecer menos relevantes a um primeiro olhar, a depender do recorte que se faz, mas que a história acaba por validar. Para Leibniz essas atividades são decisivas. As artes, as ciências e a cultura dependem das princesas muito mais do que do príncipe.

O reconhecimento da importância das princesas para as artes, ciências e cultura também se reflete nas questões filosóficas que Leibniz aborda em suas correspondências. Um exemplo ilustrativo é a discussão contida em uma carta enviada à rainha Sophie Charlotte em 8 de maio de 1704, na qual ele explora a ideia de uma uniformidade fundamental na natureza, contrastando-a com as variações superficiais. “Sempre e em todo lugar, tudo é como

aqui em todas as coisas” (Echeverría 1989: 127). Trata-se de uma carta em que Leibniz discute a natureza do corpo orgânico, inicialmente a partir de um comentário e em resposta a outra carta enviada por Lady Masham. A sua tese é que a natureza é uniforme e, nesse sentido, fundamentalmente, mesmo que haja variedade no mais e no menos, assim como nos graus de perfeição, há uma ordem e uma simplicidade que se destacam.

Nesse contexto, Leibniz não apenas reflete sobre a natureza do corpo orgânico, mas também questiona as premissas da física cartesiana, buscando um entendimento mais profundo da realidade que transcende a extensão e a matéria. A importância desse tema recorrente na obra de Leibniz destaca sua busca por uma explicação filosófica que integre a simplicidade e a ordem subjacentes à natureza, evidenciando como suas preocupações filosóficas se entrelaçam com sua visão do papel cultural e intelectual das princesas.

O tema da uniformidade da natureza está presente em outros textos. Na *Teodiceia*, obra em que Leibniz se dedica a elaborar ‘uma espécie de ciência dos mistérios da justiça de Deus’ e a refutar a tese moderna da necessária separação entre fé e razão, ele argumenta contra a separação rígida defendida pelos modernos, propondo uma visão integrada que considera a ordem e a perfeição divina na criação de um mundo uniforme. Esse esforço se conecta diretamente à sua análise da natureza dos corpos na *Monadologia*.

352 |

No parágrafo 60 da *Monadologia* Leibniz afirma que “Vêem-se ademais, pelo que acabo de dizer, as razões *a priori* das coisas não poderem ser de outro modo”. Ele reflete sobre as escolhas divinas quanto à perfeição do mundo, estabelecendo um vínculo entre a ordem divina e a natureza das coisas, defendendo que a variedade e a complexidade do mundo são resultado de uma decisão divina que, embora pareça complexa, é fundamentada em uma ordem *a priori*.

Esse trecho é uma continuação da discussão sobre a grandeza e a perfeição divina, reconhecendo que a ordem e a variedade do mundo são resultado da sabedoria divina. A ideia de que a natureza deve seguir certas leis *a priori* implica que a realidade é governada por princípios que transcendem a mera extensão cartesiana. A crítica de Leibniz à substancialidade da extensão cartesiana reflete sua crença de que a matéria extensa, sozinha, não pode explicar a complexidade e a ordem dos corpos.

Além disso, a abordagem de Leibniz reflete uma busca por uma compreensão mais profunda da realidade que não se limita às explicações materiais, mas que inclui uma visão metafísica da ordem e da perfeição divina. Este enfoque é consistente com a ideia de que a natureza, como um corpo orgânico, é regida por princípios que vão além da mera extensão, destacando a interconexão entre a filosofia de Leibniz e seu entendimento da natureza como um sistema harmonioso e ordenado.

A análise da natureza do corpo orgânico e da realidade, como apresentada por Leibniz, não apenas desafia a visão cartesiana da extensão,⁵ mas também reforça sua concepção de um universo governado por princípios divinos e ordenados. Essa perspectiva filosófica é refletida na valorização das princesas como patronas das artes e da ciência, evidenciando o papel fundamental dessas figuras na promoção de uma visão integradora e harmônica do conhecimento e da cultura.

Retomando o parágrafo 60 da *Monadologia*, vimos que esse trecho surge no contexto de uma reflexão sobre as escolhas de Deus quanto aos graus de perfeição que o mundo deve ter, e aparece mais imediatamente após o reconhecimento da grandeza divina, responsável por toda a variedade do mundo sem negligenciar a ordem. O tratamento do corpo orgânico é aprofundado a partir do parágrafo 61, e no parágrafo 64 da *Monadologia* Leibniz escreve: “cada corpo orgânico de um vivente é uma Espécie de Máquina Divina ou de Autômato Natural, que supera infinitamente todos os Autômatos artificiais”. Neste mesmo parágrafo Leibniz se refere às “Máquinas da Natureza, isto é, os corpos vivos”.

Nesse sentido, embora aceite o entendimento mecanicista da natureza ao usar o conceito de máquinas, Leibniz enfatiza a singularidade dessas máquinas, desafiando a ideia de que a natureza pode ser explicada exclusivamente por considerações mecânicas. Assim, ao mecanicismo, deve-se adicionar uma perspectiva metafísica. Contudo, a *Monadologia* dedica pouco espaço à explicação detalhada do significado das máquinas e da natureza do corpo. Esse tema é abordado com mais profundidade, por exemplo, em sua correspondência com a rainha Sophie Charlotte, em que Leibniz discute as disposições e a natureza do corpo, um tópico crucial para a compreensão de sua dinâmica filosófica.

Nas correspondências, encontramos também uma discussão mais abrangente sobre o problema mente-corpo, que, desde Descartes, se tornou uma questão central na filosofia do século XVII. Leibniz examina a relação entre matéria e pensamento, questionando como substâncias distintas podem interagir se operam em esferas de realidade separadas. Malebranche é mencionado por Leibniz como um filósofo que, reconhecendo os termos da questão cartesiana, oferece uma solução por meio da atuação divina, subs-

I 353

⁵ A física cartesiana está baseada nas ideias de extensão, de divisibilidade infinita das partes componentes da matéria e do mundo pleno. Para Descartes (*Princípios de Filosofia*, 1644), a matéria é composta apenas de noções passivas, como a extensão e a impenetrabilidade. Desse modo, é necessário investigar a fonte explicativa das suas mudanças e movimentos. Cf. Descartes (2006), especialmente as Partes I e II.

tituindo a interação causal por uma sincronicidade de eventos através da presença de Deus, visto como causa ocasional de todos os acontecimentos (Leibniz, Carta a Arnauld, setembro de 1687, AA II, ii, 234) (Malebranche 1959-1976). Bayle, em seu famoso *Dicionário Histórico-Crítico* (1697), expõe e analisa as teses de Malebranche e a problemática do dualismo cartesiano, ainda discutido nas abordagens contemporâneas da filosofia da mente.

Na carta para a rainha Sophie Charlotte, Leibniz retoma essa problemática, articulando-a a argumentos envolvendo a percepção individual e a reflexão, sob a influência do princípio da uniformidade da natureza. Ele afirma que os corpos não são substâncias, mas composições de substâncias simples. Embora essa visão se desvincule do dualismo cartesiano, ela exige de Leibniz um esforço explicativo para manter a ideia de unidade. É nesse contexto que Leibniz apresenta a dinâmica como forma de reorganizar e repensar a distinção entre alma e corpo, instituindo o fundamento de tudo o que é vivo nas forças e recusando, por essa via, o dualismo cartesiano e os consequentes problemas relacionados à suposta interação entre mente e corpo.

Assim como nas correspondências com Arnauld (Leibniz AA) e com De Volder (Leibniz 2020), as trocas epistolares com as princesas também abordam essa questão de forma direta. As contribuições de Leibniz, contidas nas cartas, para o entendimento desta tese complexa são significativas, proporcionando uma visão mais aprofundada da sua reflexão filosófica. Embora lamentavelmente poucas respostas dessas interlocutoras tenham sido preservadas, o conjunto das correspondências oferece uma oportunidade valiosa para explorar e desenvolver ideias fundamentais da Modernidade.

Além do tema da alma e do corpo, outras questões também se destacam, como o debate sobre se há algo em nosso pensamento que não provém dos sentidos, tema central da carta escrita em 1702 para a rainha Sophie Charlotte (Echeverría 1989: 110-122). Algumas das teses ali expostas serão posteriormente retomadas nos *Novos Ensaíos*. Leibniz argumenta que, embora não possamos pensar sem o conhecimento sensível, este não esgota o campo do conhecimento. Em outras correspondências com as princesas temas semelhantes aos presentes na *Teodicéia* e na *Monadologia* também aparecem e são retomados, como a tese do isomorfismo entre o micro e o macrocosmo.

Esses assuntos não estão em questão nas cartas para evitar o tédio das princesas, são questões que perturbam e ocupam o pensamento, estimulando um contínuo engajamento reflexivo.

Mesmo sem acesso total às cartas escritas por Sophie Charlotte, a recorrência desses temas e a discussão explicativa e justificativa de Leibniz refletem uma rica troca de ideias. Assim, essas correspondências evidenciam

não apenas a profundidade do pensamento de Leibniz, mas também a dinâmica da filosofia como uma prática de diálogo e reflexão contínuos.

4. Considerações finais

O estudo aqui proposto revela apenas uma introdução às questões profundas e complexas envolvidas nas correspondências de Leibniz com as princesas e seu impacto na filosofia da época. Embora nossa análise tenha abordado temas significativos de forma preliminar, ela visa abrir um espaço para uma investigação mais aprofundada e abrangente. Exames mais detalhado das cartas e das coletâneas têm descoberto novas perspectivas e enriquecido nosso entendimento sobre as contribuições intelectuais das figuras femininas e sua influência nas discussões filosóficas e científicas.

Atualmente, o tema das mulheres na história da filosofia e das ciências tem ganhado maior atenção e relevância. Mais autoras e autores estão se debruçando sobre a contribuição das mulheres, desafiando o silêncio histórico que muitas vezes cercou suas vozes e seus trabalhos. Esse crescente interesse não só ressalta a importância de reavaliar o papel das mulheres no passado, mas também busca corrigir as desigualdades persistentes que ainda se veem nas narrativas acadêmicas.

Nesse contexto, o trabalho de Echeverría com *Filosofia para princesas* se destaca como uma contribuição pioneira. Sua obra foi fundamental para trazer à tona a importância das correspondências de Leibniz com figuras femininas e para destacar o impacto significativo dessas interações na filosofia. O texto de Echeverría não apenas revela o papel ativo das princesas na disseminação e desenvolvimento da filosofia leibniziana, mas também desafia a visão predominante que frequentemente negligenciava a importância dessas relações.

O desafio que se apresenta é desvelar o papel das mulheres na história e na filosofia, revelando o que foi oculto e negligenciado. Esse esforço é fundamental para corrigir a sub-representação das mulheres nas ciências e na filosofia, um problema que persiste até os dias atuais.

Um exemplo ilustrativo dessa situação é a necessidade de reavaliar a descrição padrão da correspondência muitas vezes referida como “correspondência Leibniz-Clarke”. Este rótulo, ao se concentrar exclusivamente na troca entre Leibniz e Clarke, falha em captar a complexidade e o papel crucial da Princesa Caroline na discussão. Como argumenta Meli (1999), a princesa de Gales não foi uma mera destinatária ou espectadora passiva dessas cartas; ao contrário, ela foi uma participante ativa e influente, envolvendo-se diretamente na disputa intelectual e dialogando não apenas com as teses de Clarke, mas também com as de Newton. A princesa atuou como árbitra e mode-

radadora, moldando significativamente o estilo e o conteúdo das cartas trocadas. Nesse sentido, essa troca não se limita às cartas entre Leibniz e Clarke, mas inclui também a correspondência de Caroline e Clarke com Leibniz, além das discussões entre Clarke e Caroline. Nesse sentido, a denominação padrão “correspondência Leibniz–Clarke” não reflete adequadamente todos os aspectos dessas interações multifacetadas nem a contribuição substancial da Princesa Caroline, mas ainda vem sendo utilizada.

As mulheres, cuja voz e trabalho muitas vezes foram silenciados e marginalizados, merecem um lugar mais visível e reconhecido em nossas análises históricas e acadêmicas.

Portanto, iniciativas como a do *Workshop Internacional ‘Las Filósofas y Leibniz’* não apenas iluminam o passado, mas também incentivam uma reavaliação contínua da presença e do impacto das mulheres nas disciplinas acadêmicas, promovendo uma percepção da história mais inclusiva e representativa. Cabe a essas iniciativas a tarefa de desvelar o lugar e o pensamento das mulheres na história e na filosofia e tornar público aquilo que nasceu e permaneceu oculto, seja nas escrivatinhas dessas mulheres durante a Modernidade, seja, ainda no século XX, quando muitas continuam silenciadas e desautorizadas nas ciências e na filosofia, inclusive nas universidades. Ao valorizar as contribuições das mulheres nas correspondências de Leibniz, estamos também confrontando e desafiando as estruturas históricas que ainda limitam a visibilidade e o reconhecimento de suas realizações no campo da filosofia e das ciências.

356 |

REFERÊNCIAS

- Aiton, E. J.** (1985), *Leibniz: a Biography* (Bristol: Adam Hilger).
- Antognazza, M. R.** (2011), *Leibniz: an Intellectual Biography* (Cambridge: Cambridge University Press).
- Bacon, F.** (2019), *Novum Organon*, trad. de J. de Oliveira Santos (São Paulo: Editora Unesp).
- Backus, I.** (2011), “Review of Lloyd Strickland (ed.), *Leibniz and the Two Sophies: the Philosophical Correspondence*”. URL = <<https://ndpr.nd.edu/reviews/leibniz-and-the-two-sophies-the-philosophical-correspondence/>>
- Badinter, E.** (1993), *Émilie, Émilie: l’ambition féminine au XVIIIe siècle* (Paris: Flammarion).
- Bayle, P.** (1965–1967), *Dictionnaire historique et critique*, ed. de O. Bloch (Paris: Hermann).
- Davies, J. K.** (1996), “Pericles and Aspasia: the Politics of Patronage”, em D. M. Lewis, J. Boardman, J. K. Davies e M. Ostwald (1992) (eds.), *The Cambridge Ancient History, Volume 5: The Rise of Athens to the End of the Peloponnesian War* (Cambridge: Cambridge University Press, 499–515).

- Descartes, R.** (1989), *Correspondance avec Élisabeth*, ed. de J.-M. Beyssade e M. Beyssade (Paris: Flammarion).
- Descartes, R.** (2006), *Princípios de Filosofia* (Lisboa: Edições 70).
- Echeverría, J.** (1989), *Filosofia para Princesas: correspondencias de Leibniz con las Princesas Sophie Charlotte, Sophie de Hanôver y Caroline de Ansbach* (Madrid: Alianza Editorial).
- Klopp, O.** (1874) (ed.), *Correspondance de Leibniz avec l'électrice Sophie de Brunswick-Lunebourg et la reine Sophie-Charlotte de Prusse* (Hanôver: Klindworth).
- Leibniz, G. W.** (AA), *Sämtliche Schriften und Briefe* (Berlim: Akademie, 1923 ss).
- Leibniz, G. W.** (2020), *Leibniz's Correspondence with De Volder*, edição de M. R. Antognazza (Oxford: Oxford University Press).
- Malebranche, N.** (1959-1976), *Œuvres complètes*, ed. de A. Robinet (Paris: Vrin).
- Meli, D. B.** (1999), "Caroline, Leibniz and Clarke", *Journal of the History of Ideas*, 60 (3): 469-486.
- Rossi, P.** (2000), *Francis Bacon: da Magia à Ciência*, trad. de M. L. de A. F. Garcia e Á. M. de A. Garcia (São Paulo: Editora Unesp). (Original: *Francis Bacon: Dalla Magia alla Scienza*, 1962).
- Russell, B.** (1937), *A Critical Exposition of the Philosophy of Leibniz* (Londres: George Allen & Unwin).
- Strickland, L. A.** (2011), *Leibniz and the Two Sophies: the Philosophical Correspondence* (Toronto: University of Toronto Press).
- Vila, A. C.** (2005), "'Ambiguous Beings': Marginality, Melancholy, and the *Femme Savante*", em S. Knotty e B. Taylor (eds.), *Women, Gender and Enlightenment* (Londres: Palgrave Macmillan, 53-69).

I 357

Recibido: 03-10-2024; aceptado: 11-12-2024